# DISCURSIVIDADES SOBRE A MIGRAÇÃO NORDESTINA VEICULADA EM UM QUADRO DE PROGRAMA DE AUDITÓRIO DA TV ABERTA NO BRASIL

Fabiano Eloy Atílio Batista[1]
Rita de Cássia Pereira Farias[2]
Débora Pires Teixeira[3]

## Resumo

Este artigo apresenta um mapeamento das estratégias discursivas presentes no quadro *De volta para o meu aconchego*, da Rede Record de Televisão, enfatizando as narrativas construídas no/pelo quadro, sobre os processos migratórios de Nordestinos que, em sua maioria, apoiam-se em noções estigmatizantes e estereotipadas sobre a região, os sujeitos e seus modos de vida. O artigo se caracteriza como de natureza qualitativa do tipo descritiva-exploratória, por meio do qual buscou-se compreender como as narrativas presentes no quadro se utilizam de situações rotineiras e de pessoas "comuns", sobretudo por meio da comoção, para criar "espetáculos" midiáticos pautados no sensacionalismo, na humilhação

[1]Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV).
[2]Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Campinas (UNICAMP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV)
[3]Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora adjunta do departamento de Economia Doméstica e Hotelaria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

e exploração do humano como formas de entretenimento e fidelização dos telespectadores, Os resultados mostram que o quadro em análise constitui um mecanismo "assistencialista" organizado em uma lógica discursiva "sensacionalista" que utiliza do exagero e do grotesco para fidelização de seu público. Desde de seu início de exibição ao final, utiliza da vida de pessoas comuns como entretenimento, colocando-os em situações constrangedoras e humilhantes, explorando a vida humana como mero espetáculo.

Palavras-chave

Discursividades; Migração; Nordeste; Brasil.

## Abstract

This article presents a mapping of the discursive strategies present in the *De volta para o meu aconchego*, from Rede Record de Televisão, emphasizing the narratives built in/by the painting, about the migratory processes of Northeasterners that, for the most part, are based on notions stigmatizing and stereotyped about the region, the subjects and their ways of life. The article is characterized as qualitative in nature of the descriptive-exploratory type, through which we sought to understand how the narratives present in the frame use routine situations and "ordinary" people, especially through commotion, to create "spectacles". " media based on sensationalism, humiliation and exploitation of the human as forms of entertainment and loyalty of viewers. for the loyalty of your audience. From the beginning of its exhibition to the end, it uses the lives of ordinary people as entertainment, putting them in embarrassing and humiliating situations, exploring human life as mere spectacle.

Keywords

Discursivities; Migration; North East; Brazil.

## Introdução

As produções em torno do Nordeste e dos sujeitos nordestinos na literatura brasileira são vastas e analisam a região e os sujeitos sobre múltiplos aspectos e enfoques. Sobretudo, abordam os processos de mobilidade oriundos dessa região e seus desdobramentos na sociedade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999; RAMOS, 2015; FREITAS, 2020; NASCIMENTO, 2020; ALMEIDA FRANÇA, 2021; PEREIRA, 2021; entre outros).

As reflexões teóricas, como as dos autores mencionados, evidenciam, cada qual a sua maneira, que o fenômeno da migração ou da mobilidade humana nessa região não é natural, mas trata-se de um processo social e histórico que reafirma uma série de desigualdades que evidenciam as complexas relações sociais estabelecidas no território brasileiro. Assim, os processos migratórios tem sido temas centrais nas discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta lógica e buscando compreender alguns aspectos envolvidos no processo de migração no Brasil, Baptista *et al.* (2018), Wendel (2018) e Faist (2018) trazem apontamentos que desvelam como esses processos são construídos, veiculados, e modificados em suas dinâmicas: ora sendo estimulados, ora controlados, fiscalizados e negligenciados. Nesse sentido, Osakwe (2019) diz que na contemporaneidade, com o maior acesso aos meios midiáticos e ampliação dos estudos sobre xenofobia, discriminação e construção de estereótipos, esses processos são expostos, questionados, tencionados e problematizados.

Dessa forma, é importante estudar as discursividades que envolvem estes processos, buscando desvelar o que se encontra por trás dessas construções simbólicas, pois, elas dizem respeito não somente ao deslocamento em si, mas, sobretudo, trazem elementos centrais para a compreensão da "questão social" (IAMAMOTO, 2003; 2013) brasileira, que se expressa na exploração da força de trabalho, desigualdade social, pobreza, exclusão, falta de acessos a políticas públicas e a direitos, etc.

Um exemplo da "questão social" brasileira está no quadro *De volta para o meu aconchego*, veiculado no programa de auditório do apresentador Gugu Liberato na emissora Rede Record de Televisão, que possui como mote a concretização de uma ajuda paulistana aos migrantes nordestinos para retornaram a sua terra natal, de onde saíram, em busca de melhores condições de vida.

Ao longo da veiculação do quadro, são explorados mecanismos discursivos que constroem a visão de um Nordeste atrasado, carregado de misérias, de

pedintes e com uma população sofrida, que contribui para uma perpetuação de discursividades estereotipadas sobre a região e os sujeitos. Tais discursos fixam ideologias que prevalecem ideais de uma região vitimizada, mesmo que essa região possua uma diversidade cultural significativa e um pleno desenvolvimento. Portanto, na medida em que os participantes são expostos às diversas formas e situações de constrangimentos públicos, a sociedade frequentemente assiste à exploração do humano como algo natural.

Os programas de auditório constituem um gênero antigo na programação televisiva brasileira, considerados como um palco difusor de representações sociais estereotipadas. Esses programas, em sua maioria, possuem uma forte audiência, atingindo um amplo prospecto de telespectadores, pois funcionam como forma de entretenimento aos sujeitos em meio às suas rotinas (SOUZA, 2015; BATISTA, 2018). Nesses programas televisivos, como no caso do Programa do Gugu, a atenção dos telespectadores se estabelece não pelo conteúdo narrado, mas pela forma como é narrado, em meio a shows de luzes, efeitos de cores e sons, palavras e expressões permeadas por choros, súplicas e benevolências. Constituem, em geral, como um palco difusor de um "sensacionalismo" (BERTI; OLIVA; VALASQUEZ, 2020) que envolvem espetáculos e estereótipos que estigmatizam, ridicularizam e constrangem os participantes. A base primordial desse formato de programa é primada pelas sensações em detrimento da consciência e pela emoção em detrimento do raciocínio.

Isto posto, o presente artigo busca apresentar um mapeamento das estratégias discursivas presentes no quadro televisivo *De volta para o meu aconchego*, enfatizando como as narrativas construídas no/pelo quadro apoiam-se em noções estereotipadas[4] e estigmatizantes[5] sobre a região, os sujeitos e seus modos de vida.

Metodologicamente, o artigo se caracteriza como de natureza qualitativa do tipo descritiva-exploratória (BATISTA; KUMADA, 2021), por meio do qual buscou-se compreender como as discursividades presentes no quadro utilizam

[4]Os estereótipos são construídos e reproduzidos culturalmente e impactam diretamente nas relações sociais entre os sujeitos, sendo que os meios de comunicação possuem uma significativa importância na sua construção ou desconstrução (Baccega, 1998).

[5]Na contemporaneidade, a partir dos estudos sociológicos e antropológicos, além de marcar físicas, o significado de estigma tem ganhado novos contornos, ligados a aspectos sociais, opção que partilhamos nesta pesquisa. Nesse sentido, o estigma é entendido como a categorização de um determinado grupo em detrimento a outros, conferindo-lhes um grau de inferioridade/subalternidade na estrutura social (Felicissimo *et al,* 2013).

de situações rotineiras e de pessoas "comuns" para criar "espetáculos" midiáticos pautados na comoção e no "sensacionalismo" (BERTI; OLIVA; VALASQUEZ, 2020), cuja estratégia visa manter o entretenimento e a fidelização de seus telespectadores por meio da humilhação e da exploração do humano, s, sobretudo por meio da.

Para este artigo, optou-se por analisar somente um episódio do quadro, em decorrência da riqueza de potencial analítico. Esse episódio foi veiculado no ano de 2011, cuja exibição transcorreu em aproximadamente 45 minutos, com intervalos comerciais que, além da remuneração gerada, aumentam o suspense e a ansiedade do público que assiste.

As análises se deram pela técnica de Análise do Discurso Fílmica (GOLIOT-LÉTÉ; VANOYE, 2012), que, na concepção de Anne Goliot-Lété e Francis Vanoye (2012, p. 14) é importante que tais artefatos sejam, inicialmente, fragmentados em seus elementos constitutivos, buscando "[...] despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente 'a olho nu', pois se é tomado pela totalidade". Para tanto, o uso dessa técnica oportuniza ao pesquisador (de)codificar os elementos que compõem a narrativa em seus variados aspectos, onde são consideradas, as músicas, as pausas, os silêncios, a entonação de voz, fornecendo um conjunto de informações que, tomados em sua totalidade, acabam não sendo percebidos e, em certos casos, acabam por (re)produzir discursos que precisam ser problematizados para não serem compreendidos como naturais.

## Os fluxos migratórios e a mídia como mecanismo de reforço dos estigmas e estereótipos

Baptista *et.al.* (2018) e Wendel (2018) enfatizam que os fluxos migratórios têm maior intensificação quando associados a processos de transformações oriundas do modelo capitalista de produção e suas relações sociais nas esferas da sociedade brasileira.

Wendel (2018) enfatiza que os principais fatores das mobilidades são estruturais, ligadas às desigualdades, que geram lacunas demográficas, econômicas, políticas e sociais. Nesse sentido, o autor afirma que "os últimos 60 anos de migração interna no Brasil estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e à redistribuição espacial da população, marcada por intensa mobilidade

populacional e inserida nas diferentes etapas econômicas, sociais e políticas" (BAPTISTA, *et al*., 2018, p. 361).

Baptista *et al.* (2018) destaca que os principais fluxos migratórios em solo brasileiro são oriundos, em sua maioria, dos estados da região Nordeste, cujo destino principal é o estado de São Paulo. São estados que, historicamente, serviram como força de trabalho para o crescimento econômico da região de destino. Contudo, ao chegarem aos seus novos destinos, esses migrantes – homens e mulheres, jovens, crianças e velhos, em desigualdade monetária e educacional – encontram realidades bem diferentes da qual buscam. Além dos estereótipos e estigmas que sofrem diariamente, convive com a falta de oportunidades, desemprego, falta de moradia, falta de redes de apoios e diversas outras expressões da "questão social" (IAMAMOTO, 2003; 2013) que os deixam sempre "à margem" (AUGÉ, 2004) da sociedade.

Embora vivessem de formas precárias em suas regiões – fato que os fazem migrar – ao deslocarem, algumas expressões da "questão social", como a falta de saneamento básico, moradias, emprego, acrescido da pobreza e a fome se potencializam no novo destino. Como menciona Baptista *et. al.* (2018), há uma nova compreensão sobre os processos migratórios, que vêm caracterizando o destino dessa migração como um lugar marcado pela incapacidade de absorver os migrantes, maximizando a migração de retorno às áreas de origem, intensificando suas vulnerabilidades no local de destino.

O processo de migração, como afirma Wendel (2018), envolve uma "mobilidade seletiva", sendo que alguns sujeitos são bem-vindos e outros não. Assim, pessoas que apresentam características vistas como positivas (escolaridade elevada, alto poder aquisitivo, entre outros), que "trarão benefícios" para a localidade, são bem aceitos. Por outro lado, os sujeitos marcados pela baixa escolaridade e baixa condição socioeconômica são utilizados somente como força de trabalho e, em contexto de desemprego estrutural, são rejeitados nos espaços e, na medida do possível, são obrigados a viverem de forma sub-humana ou retornarem para suas regiões de origem.

Portanto, compreender as dinâmicas dos processos migratórios significa reconhecer que há uma inadequação e inoperância das políticas públicas de geração de emprego e renda, de educação e de saúde de determinada região que garantam, minimamente, aos seus moradores condições dignas de sobrevivência em suas localidades. Caso houvessem políticas que garantissem a permanência desses sujeitos em seu local de origem, evitaria que eles tivessem que se deslocar

para outras regiões em busca de melhores condições de vida, evitando ainda que eles contribuíssem para adensar as expressões da "questão social", seja local, nacional ou internacional.

A mídia reforça esse processo, fomentando a construção de estigmas e estereótipos, ao veicularem aspectos negativos sobre os nordestinos e a região Nordeste. Esse processo, conforme elucidam Osakwe (2019), Gill e Baker (2019), gera nos telespectadores certa (des)identificação criando um "imaginário coletivo" (TAYLOR, 2010) que influi diretamente na vivência desses sujeitos na região de destino. Ao serem vítimas dessas violências simbólicas, vários deles regressam para suas regiões de origem, pois sentem que ali não é o seu lugar.

Há, portanto, um jogo de disputa nas veiculações midiáticas das regiões brasileiras, onde o Nordeste [e também o Norte] e os nordestinos [e também os nortistas] foram [e são] representados nas narrativas a partir de um conjunto de saberes estereotipados, elaborando as regiões como um lugar sempre à margem das relações políticas e econômicas do país, configurando seus habitantes como espécies de marginais da cultural nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999). Os discursos midiáticos sobre os processos de migração interna de nordestinos no Brasil, em sua maioria, apoiam-se dentro de conceitos projetados e engessados sobre os sujeitos – sobre os tipos de sociabilidades e seus modos de vida. Assim, esses sujeitos são vistos, quase sempre, como ignorantes, incompetentes, sem instrução, dentre outros termos pejorativos.

Exemplos destes conceitos projetados estão presentes em novelas como: *Mulheres de areia* (1993), no personagem Tonho da Lua (interpretado por Marcos Frota); *Senhora do Destino* (2004), na personagem Maria do Carmo (interpretado por Susana Vieira); *Flor do Caribe* (2013), no personagem Candinho (interpretado por José Loreto); em filmes, como: *O Auto da Compadecida* (2000), nos personagens de João Grilo e Chicó (interpretado, respectivamente, por Selton Mello e Matheus Nachtergaele). Essas produções televisivas buscam, cada qual a sua maneira, representar e apresentar marcar sociais do que se considera ser um nordestino ou a região nordeste carregada de sotaques e trejeitos tidos pelo senso comum, como "da roça", "interiorano", uma espécie de "bom selvagem", sempre com um lado cômico e atrapalhado, por vezes infantil e ingênuo. Embora, tais discursividades se distancie da figura do "cabra-macho" (também construída e projetada durante décadas no imaginário social), elas reforçam uma ligação direta do nordestino/nordeste com um ideário atrelado ao arcaico, ao animalesco

e ao não-civilizado, em contraponto aos habitantes da região sul e sudeste, vistos como modernos e civilizados.

Para tanto, ao refletirmos sobre as construções discursivas e imagéticas sobre os processos migratórios de nordestinos na mídia, estamos falando sobre identidades, e que de certo modo são impactadas a partir dessas construções que se encontram presentes no quadro em análise.

Assim sendo, Denys Cuche (2002, p. 177) afirma que há uma força dúbia que, ao mesmo tempo, incluem e excluem os sujeitos no interior das trocas sociais simbólicas. Para o autor, "a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. [...] Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social"; porém, existem veiculações de padrões de identidades, focados em estereótipos construídos socialmente, que fazem com que os indivíduos não se reconheçam dentro desse sistema, o que Cuche denomina como "exo identidade".

Para Cuche (2002, p. 183), as identidades são dinâmicas e não podem ser fixadas e vistas como homogêneas, pois possuem um caráter de alteridade e, nessa lógica, "não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação".

Nesse sentido, a partir dos discursos que são projetados no/pelo quadro *De volta para o meu aconchego*, os migrantes nordestinos terão em maior ou menor grau uma "exo identidade", em decorrência das construções narrativas que envolvem estereótipos cristalizados, jogos de poder e preponderância de uma classe dominante (burguesa, branca e localizada na região sudeste) que impacta e estigmatiza grupos "minoritários" através de construções de identidades negativas (CUCHE, 2002).

De acordo com Niels Lund *et. al.* (2018), as diferentes facetas das mídias funcionam como um mecanismo de veiculação de padrões que atingem um elevado número de sujeitos e estimula a circulação de imaginários estereotipados. Os autores enfatizam que as mídias funcionam como espaços de auto representações, nas quais os sujeitos assumem certas vivências sociais que moldam uma imagem distorcida e fragmentada. Osakwe (2019) pondera que as interferências das representações na criação de estereótipos ou nas lógicas de enquadramentos compõem um *modos operandi* que funciona como um eficiente mecanismo de criação de "imaginários sociais".

## As estratégias discursivas no/pelo quadro *De volto para o meu aconchego*

Para a compreensão sobre as discursividades atribuídas ao Nordeste brasileiro, a obra de Albuquerque Júnior (1999) se configura como uma importante fonte de informação. Segundo o autor, não se trata exclusivamente de uma delimitação geográfica, mas, sobretudo, uma delimitação simbólica, por meio da qual, os sentidos atribuídos à região Nordeste e aos nordestinos, no decorrer histórico, foram e vem sendo naturalizados, homogeneizados e, principalmente, compreendidos e perpetuados de maneiras estereotipadas. O autor afirma que o discurso estereotipado atribuído à região Nordeste e ao nordestino "[...] é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras" (p. 22). Isto mencionado, partiremos para análise de um episódio do quadro *De volta para o meu aconchego* para que possamos compreender como essas discursividades se maximizam e operam nos discursos midiáticos.

O Programa de auditório do Gugu é composto por 10 quadros. Embora não haja uma ordem fixa para a apresentação de cada quadro, o *De volta para o meu aconchego* é um dos últimos, por ser um dos que têm maior audiência, Para manter a plateia, logo que o programa inicia, ele apresenta a programação das novidades trazidas em cada quadro que será transmitido naquele dia. Os *teasers* (prévia da narrativa) constituem uma estratégia para atrair o telespectador e assegurar manutenção da audiência por meio da utilização de elementos visuais e discursivos com forte apelo à comoção. Além do emprego desse recurso no início do programa, os *teasers* são apresentados no decorrer do programa, visando criar expectativas na manutenção e garantir a audiência. Assim, os principais elementos, sobretudo aqueles de maior dramatização, são explorados como "embalagens" e como meios de "divulgar o quadro. Há, portanto, uma "manchetização", ou seja, exibição de fragmentos do quadro que irão fornecer indícios das informações que serão apresentadas posteriormente. Esses *frames* são eficientes para dar o tom à narrativa e fazer o espectador comover com o que será exibido. O restante do episódio, quando é exibido, fica por conta do espetáculo, da encenação das histórias, das súplicas, dos choros e das humilhações.

O quadro em análise narra a história de Raimundo, sua esposa e seus dez filhos que buscam regressar para a cidade natal de Morada Nova – Ceará. De

acordo com a narrativa que é estabelecida no episódio, Raimundo veio do Ceará há vinte e um anos com o objeto de "ter uma vida melhor" na cidade grande: São Paulo. Chegando, ele conheceu sua esposa, Viviane, com quem se casou e constituiu uma família tendo, desse relacionamento, dez filhos.

Iniciando o programa e dando um "ar" comovente e carregado de dramaticidade, o apresentador Gugu Liberato diz que é chegado o momento de "*muita emoção*" no programa, ou seja, será iniciado o quadro *De volta para o meu aconchego*, dando a tônica da narrativa e deixando transparecer em suas feições que é um momento de muita tristeza (ao fundo toca uma música com ares de dramaticidade).

Seguido essa apresentação, Gugu diz que já visitou inúmeras famílias e já levou de volta várias para o "seu aconchego". Porém, essa história em particular "é a *mais impressionante*" que ele já encontrou em "*toda sua carreira de televisão*": uma família, pai, mãe e dez filhos que "*vivem embaixo de uma barraca de lona, num cortiço em pleno centro da cidade de São Paulo*". As imagens que são exibidas especialmente nos momentos quando narrados os sofrimentos e as angústias da família, são em tons cinzentos e com fundo musical triste e melancólico. Essa dramatização pelo uso de um recurso cromático é uma forma de compor um cenário de total desânimo, desconforto e tristeza.

Ao ser questionado pelo apresentador Gugu Liberato pelo motivo que o levou a São Paulo, Raimundo é enfático ao dizer que "*veio trabalhar na região, como todos vem*". A resposta de Raimundo potencializa o imaginário de que na capital paulista é onde estão os postos de trabalhos e as melhores oportunidades, colocando a região Nordeste, mesmo que empiricamente, como um *lócus* de ociosidade. De acordo com análises desenvolvidas por Duarte (2005), algumas regiões do Nordeste, sobretudo as rurais, onde a cidadania só se dá mediante o processo de migração para a "cidade grande", a mídia funcionou (e ainda funciona) como um mecanismo que, em seus mais diferentes artefatos e durantes décadas, serviu de "orientação" e mola propulsora para a decisão e ação do processo de migrar de diversos sujeitos, em especial para a região do estado de São Paulo.

Ao se deparam, no novo destino, com as mais variadas situações degradantes, como falta de emprego, moradia (ou moradias precárias, sem o mínimo de saneamento básico), má alimentação, problemas de saúde, dentre outros. Diante das dificuldades encontradas, esses sujeitos encontram no quadro *De volta para o meu aconchego* uma oportunidade de regressarem para suas regiões, onde, segundo o discurso do quadro, possuíam melhores condições de vida e uma rede

de apoio familiar que os auxiliava. As narrativas levam os espectadores a entenderem que ir para São Paulo é um erro e que lugar bom mesmo é a sua terra natal, local de onde nunca deveriam ter saído.

Embora o programa seja divulgado como uma ajuda humanitária para levar de volta para a sua terra aqueles que estão sofrendo na cidade grande e saudoso da sua terra, o programa tem outro efeito: convencer o potencial migrante a não migrar. Se antes de migrar a expectativa era que, ao migrar, ele encontraria um lugar com melhores condições de vida e trabalho. Um lugar onde possa exercer sua dignidade, sustentando sua família, longe de todo o "sofrimento", a cena cinza é uma forma de frustrar as expectativas daqueles que tem esse mesmo intento. As imagens cinzas simbolizam a vida que ficou para trás, as histórias, sociabilidades e familiares perdidos, que sobrevivem apenas nos fragmentos da memória.

No decorrer da narrativa do quadro, observa-se o emprego de conjuntos discursivos que carregam em seus conteúdos um exagero e um melodrama configurando a narrativa a partir de um forte sensacionalismo, como nas falas: *"Uma cabana de lona e invadida por ratos"*, *"Família sobrevive à miséria, mas não perde a fé em um futuro melhor"*, *"Passa até rato em cima deles, eles acordam tudo gritando* [esposa de Raimundo narrando a hora que seus filhos vão dormir]", Para Pedroso (1983), esse recurso discursivo é a base desse formato de atração que busca uma:

> Intensificação, **exagero e heterogeneidade imagética**; ambivalência lingüístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; **valorização da emoção em detrimento da informação**; **exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional**; **adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas**; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou **temáticas isoladas, com pouca probabilidade de desdobramento nas edições subseqüentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural**; **discursividade repetitiva**, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, **despolitizadora**, fragmentária, **unidirecional**, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante,

> avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; **produção discursiva sempre trágica**, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...com] **escamoteamento da questão do popular**, apesar de pretenso engajamento com o universo social marginal; **gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas** (PEDROSO, 1983, p. 114 – grifos nossos).

Desde a abertura, as trilhas sonoras que compõem o episódio são escolhidas cuidadosamente para causar nos telespectadores sensações que variam da tristeza e compaixão a alegria. O quadro se inicia com a música, que dá o nome ao quadro, *De volta para o meu aconchego*, composta por Dominguinhos e Nando Cordel (1985), sujeitos nordestinos, que em seus versos exaltam a migração de retorno de nordestinos que, por diversos motivos, vivenciaram sofrimentos e amarguras em seus processos migratórios. A letra dessa música traz elementos que corroboram entender que os sujeitos migrantes nordestinos não são "bem-vindos" ou acolhidos na região de destino, São Paulo. Nesse sentido, voltar para sua região de origem se configura como uma espécie de "retomada de sua dignidade", como nos versos: *"a paz que eu gosto de ter", "é duro ficar sem você vez em quando, parece que falta um pedaço de mim", "me alegra na hora de regressar", "na felicidade sem fim"*.

No desenrolar da narrativa, observa-se que há momentos, especialmente quando se refere às questões de "ajuda" ou ao processo de regressar para a localidade de origem, que a trilha sonora se torna mais animada, dando a impressão de que os problemas, ora narrados no decorrer do episódio, serão resolvidos, causando um alívio e um sentimento de realização nos receptores. Outras vezes, quando se é apresentado a vida de sofrimento na região de destino, as músicas carregam um "ar" de tristeza e melancolia, causando nos receptores uma espécie de compaixão.

Buscando trazer uma aproximação com o público, é frequentemente utilizado ao longo do episódio, assim como no quadro em geral, metáforas, hipérboles e jargões populares. Pode-se observar essas figuras de linguagens em falas como: *"[...] parece um anjinho, né, parece um anjinho com o cabelo cacheadinho, um olhinho azul, azul, azul [Risos]* [fala do apresentador ao se referir a um dos filhos do casal]", *"[...] o que está acontecendo aqui? Primeiro, vocês vivem aqui num lugar que não tem nem telhado? É uma lona, né? [...] vocês são em quantos aqui? Deixa*

*eu contar de novo, espera aí: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, são doze pessoas morando aqui? "* [Apresentador Gugu Liberato conhecendo a casa de Raimundo], *"Raimundo, quer muito rever a casa onde passou a infância, ele não tem ideia de que tudo isso não passa de uma desculpa para Gugu entregar a nova casa da família"* [repórter que apresenta o quadro]. Falas como essas têm o propósito de aproximar os telespectadores por meio de uma linguagem informal visando alavancar os índices de audiência. Como mencionado por Barbosa (2004, p. 62) há uma "[...] busca pelo espetáculo, [que] se transformou em pedra angular de diversos programas televisivos. Uma espécie de [...] onda popularesca, que desnuda por completo a intimidade alheia [...]".

Um aspecto presente ao longo da narrativa é o "assistencialismo midiático" (GUARESCHI; DIAS; HARTMANN, 2007), que consiste, basicamente, em práticas discursivas persuasivas com foco na "ajuda" através de uma exploração de realidades de desigualdade, conforme evidencia os excertos a seguir.

> [Personagem principal do quadro, Raimundo, começar a cantar]: *Vamos embora minha gente, já saímos da pior, de volta ao meu aconchego a vida ficou melhor, olhando para o céu azul numa felicidade só, muito obrigado Gugu também a TV Record [Aplausos].*
>
> *Você não tem para ninguém Gugu, é nós, é nós, você nem sabe a felicidade, você me deixou feliz da vida de estar no meu lugar, o que eu mais queria era trazer a minha família, se não fosse você eu vinha, nunca, nunca eu ia estar no Ceará, e você fez tudo, fez tudo bonitinho, direitinho, ainda me deu uma casa.* [Fala de Raimundo após voltar para o Ceará].
>
> *Foi de alegria, de emoção, foi de alegria, você me trazer para ver minha mãe e meu pai na minha terra, ninguém faz isso, só você que faz, você é abençoado por Deus.* [Fala de Raimundo após voltar para o Ceará].

Uma característica central do quadro, assim como outros de mesma natureza, é se esconder sob o manto do assistencialismo (KOWALSKI, 2013), ou seja, de uma ajuda/auxílio, em prol de uma suposta felicidade dos participantes. E,

para isso, utiliza-se diversas estratégias. Ao longo da narrativa, como as descritas acima, pode-se observar que o apresentador do quadro é mostrado como o "salvador" dos nordestinos perdidos na cidade grande. O enredo sugere que ele pode acabar com os sofrimentos e as dificuldades desses sujeitos. Tal compreensão se confirma, sobretudo, em falas como: *"A gente veio aqui para devolver a dignidade de vocês"* [discurso proferido por Gugu ao chegar na casa de Raimundo].

Ao longo do episódio, o apresentador faz questão de estar presente na casa dos sujeitos e mostrar toda a "miséria" que vivenciam. Ele realiza continuas perguntas que causam humilhações, desconfortos e tristeza aos participantes do quadro, vistos como fracassados, enquanto a imagem do apresentador é envolta pelo adjetivo da benevolência, reforçando o caráter assistencialista do programa. Exemplos desses discursos são: *"Vocês querem voltar?"; "Chegaram a passar fome?"; "Vocês moram todos aqui? E dorme todo mundo aqui?"*. Mesmo que tais informações não estejam presentes na carta que foi enviada ao programa, para se inscrever no quadro, elas são inseridas no enredo do programa. Portanto, a veiculação dessas narrativas depreciativas, convertidos em produtos midiáticos, tem a finalidade de manter a exploração e/ou impedir o desvendamento dos fundamentos da exploração.

Tais determinantes fomentaram o retorno do migrante a sua terra natal, além de responsabilizar os sujeitos pela situação que vivenciavam. E mais ainda: aponta o programa como estratégia para a resolução do "seu problema", uma saída individual que poucos terão acesso. Voltar para a terra de origem, por meio do programa assistencialista, que foca a bondade do apresentador desvia a atenção da estrutura social, vedando o questionamento das estruturas que levaram esses sujeitos a migrar.

Outro aspecto importante que se pode observar, durante toda a exibição do episódio, é a utilização do *marketing* social. Batista e Farias (2018) apontam que esses programas de auditório funcionam como mecanismo de manipulação das realidades, a favor de uma lógica capitalista. Para os autores, esses programas buscam trazer uma solução para determinada demanda, ao mesmo tempo que alimenta sonhos e anseios na população que o assiste, articulando ações de *marketing* social, por meio de diversas parcerias, aliado a uma dramatização, conforme pode-se observar nos fragmentos a seguir.

> *No Ceará a Rede doutor resolve* [mostra-se o interior da loja e os produtos] *começa a reforma do novo lar da família de Raimundo,*

> *com mais de trezentos franqueados em todo o Brasil essa super equipe atende desde um pequeno reparo até uma grande reforma, já pensou em abrir uma franquia? Para mais informações acesse o site que você vai se surpreender. Quem sabe, além da família do Raimundo, você também dá um novo rumo para sua vida?*
>
> *Olha só, nossa produção já está comprando os móveis* [é focalizada a loja onde os móveis estão sendo "comprados" por meio de recursos de aproximação da imagem] *que vão dar todo o conforto que a família do Raimundo precisa para recomeçar a vida no Ceará.*
>
> *A casa está ficando pronta, e a compra de mercado já está a caminho* [focaliza-se o caminhão de uma rede alimentícia da região chegando]. *É isso mesmo, eles vão dar de cara com a geladeira e os armários cheios* [é usado recurso visual de aproximação nos armários, enfatizando os diversos alimentos com a logo da rede], *mas a surpresa não para por aí, não, daqui a pouco você vai ver tudo que foi especialmente pensado para acolher a família do Raimundo.*

Por meio dos fragmentos acima, podemos observar, assim como enfatizado por krasnievcz e Aita (2009, p. 07) que há uma dinâmica na qual os participantes "[...] ofertam suas histórias de vida visando obter alguma ajuda [voltar para sua região de origem]. As empresas pretendem o marketing social e a propaganda de seus produtos e a emissora lucra com o merchandising e com a audiência de milhares de brasileiros que se veem representados nessas histórias e reconhecem no programa uma via de concretização de suas esperanças".

Ao analisarmos as histórias narradas no quadro de forma mais ampla (não só para o episódio em análise), identifica-se uma constante retratada: as narrativas são somente de migrantes nordestinos. Em nenhum momento dos diversos quadros são retratados outros migrantes, que também compõem o estado de São Paulo e passam pelas mesmas mazelas sociais que estes sujeitos. Neste sentido, entende-se que essas veiculações direcionam o entendimento, e compõem o imaginário social, de que a pobreza, miséria dentre outras expressões da "questão social' brasileira acometem somente as famílias nordestinas. Esse fato

se configura como contraditório, uma vez que mesmo os sujeitos da região paulistas migram para outros centros urbanos em busca de "melhores condições de vida". Portanto, mesmo que não seja uma característica restrita dos sujeitos nordestinos, o quadro potencializa e apresenta como se o fosse; contribuindo para a propagação de estigmas e estereótipos historicamente construídos em torno desses sujeitos e de sua região.

## Considerações Finais

Por meio das análises, foi possível perceber elementos presentes na construção do quadro que, à primeira vista, se apresentam de forma "inocente", como uma espécie de benefício e/ou ajuda, porém, quando analisados de forma mais afinca, identificamos uma série de construções discursivas e imagéticas pautadas em um conjunto de estereótipos e estigmas direcionados aos sujeitos nordestinos e a região Nordeste. Mesmo que essa não seja, de fato, a intenção do planejamento do programa, as discursividades, a construção da narrativa, os *zoons*, as trilhas sonoras, dente diversos outros elementos que compõem a construção do quadro contribuem na (re)produção de preconceitos já existentes.

Assim sendo, podemos observar que no quadro *De volta para o meu aconchego* o que está sendo narrado não é somente uma história de solidariedade e compaixão, mas as histórias de pessoas que vieram do Nordeste e os sujeitos nordestinos, reforçando "[...] a função dos enfoques ao selecionar e sublinhar aspectos da realidade" (SÁDABA, 2007, p. 96) de um único grupo social. É mostrado, portanto, todos os nordestinos como um grupo extremamente miserável e que necessitam estar sempre em processos de deslocamentos para terem condições dignas de vida. Ao retratarem somente esse grupo social, já estigmatizado e estereotipado historicamente, indicam certa inclinação do programa de promover a "expulsão" desses sujeitos da região mais desenvolvida do país, deixando claro que ali, após a utilização de sua força de trabalho, não é mais o seu lugar.

Ademais, podemos observar que a mídia, por meio de seus enquadramentos e de suas escolhas narrativas, contribui para uma desvalorização cultural da região Nordeste e dos sujeitos nordestinos. As diversas imagens que são projetadas no/pelo quadro, como de miséria, sofrimento e de precariedade são as que, na concepção de Yazbek (2001, p. 34) "[...] produzem e reproduzem a desigualdade no plano social, político, econômico e cultural, definindo para os

pobres um lugar na sociedade. Um lugar onde são desqualificados por suas crenças, seus modos de expressar e seu comportamento social, sinais de "qualidades negativas" e indesejáveis que lhe são conferidas por sua procedência de classe, por sua condição social".

RECEBIDO em 12/09/2022
APROVADO em 21/11/2022

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA FRANÇA, V. H. de. Do Interior baiano à selva de pedra paulistana: desafios frente a migração nordestina em São Paulo. **Das Amazônias**, *[S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 190–200; 2021. https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4858.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

BACCEGA, M. A. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, n. 13, p. 7-14, 30 dez, 1998. https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820.

BAPTISTA, E. A.; ABEL, G. J.; CAMPOS, J. Internal migration in Brazil using circular visualization, **Regional Studies**, Regional Science, 5:1, 361-364, 2018: https://doi.org/10.1080/21681376.2018.1526649

BATISTA, F. E. A.; FARIAS, R. de C. P. A família na manutenção do ideal corporal hegemônico contemporâneo: da produção da vergonha à reabilitação social. **Oikos***:* Família e Sociedade em Debate, v. 29, n. 1, p. 23-41, 2018. https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3784/pdf.

BATISTA, F. E. A. **Mídia, corporalidade e discursos que nos (des)arrumam***:* uma análise sobre um reality show de transformação corporal. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018. https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/22092?show=full.

BATISTA, L. dos S.; KUMADA, K. M. O. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Rev. Bras. de Iniciação Científica** (RBIC), IFSP Itapetininga, v. 8, e021029, p. 1-17, 2021.

BATISTA, M. M. A. **A paisagem nordestina no filme "O Céu de Suely":** uma análise de espacialidades no cinema contemporâneo. 2017. 139f. Dissertação (Mestrado em Estudos da

Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23453.

BERTI, L. G.; OLIVA, R.; VELAZQUES, F. G. A sociedade do espetáculo no sensacionalismo midiático: a absoluta impossibilidade do Status Quo Ante. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**. Umuarama. v. 23, n. 1, p. 143-157, jan./jun, 2020. https://revistas.unipar.br/index.php/juridica/article/view/8260.

COGGIOLA, O. Trotsky e a lei do desenvolvimento desigual e combinado. **Novos Rumos**, ano 19; nº42, 2007. https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/4894/3514.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2. ed. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

DUARTE, R. **Uma metrópole invisível**: Imagem e discurso dos jovens rurais sobre São Paulo em uma rede social comunicativa com jovens paulistas. Recife: Editora Livro Rápid, 2005.

FAIST, T. The moral polity of forced migration. **Ethnic and Racial Studies**; VOL. 41, NO. 3, 412–423, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1080/01419870.2017.1324170. Acessado em: 05/06/2020.

FELICISSIMO, F., B. *et al*. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia Teoria e Pratica**. São Paulo, SP, jan.-abr, 2013. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n1/10.pdf.

FREITAS, L. L. de. **Migrantes Nordestinas em Sâo Paulo**: Trajetórias, interseccionalidades e identidades na migração contemporânea de mulheres nordestinas para São Paulo/ Larissa Lima de Freitas. – Guarulhos, 2020. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020. https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/58966/TCC%20-%20Larissa%20Lima%20de%20Freitas.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

GILL, J.; BAKER, C. The Power of Mass Media and Feminism in the Evolution of Nursing's Image: A Critical Review of the Literature and Implications for Nursing Practice. **Journal of Medical Humanities**, 2019. https://doi.org/10.1007/s10912-019-09578-6.

GOLIOT-LÉTÉ, A.; VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica /** Anne Goliot-lété; Francis Vanoye. Tradução de Marina Appenzeller; Revisão técnica Nuno Cesar P. de Abreu. - 7 ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

GUARESCHI, P.; DIAS, G. L.; HARTMANN, M. R. Assistencialismo midiático: uma nova estratégia de legitimação social. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 16, p. 1-18, janeiro/junho, 2007.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. Cortez, São Paulo, 2003.

IAMAMOTO, M. V. O Brasil das desigualdades: "questão social", trabalho e Relações sociais. In: **SER social**, Brasília, v.15, n. 33, p.261-384, jul. / dez, 2013. http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/FaPa1Oy8kQ65voJ4T345.pdf.

KRASNIEVICZ l.; AITA P. A. Domingo (nada) Legal: mapeamento do sensacionalismo em programas de auditório. **Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação**. Ano 2 – Edição 2 – Dezembro de 2008/Fevereiro de 2009, São Paulo, 2009.

KOWALSKI, M. C. G. **Assistencialismo nos programas brasileiros da televisão aberta.** Universidade de Brasília Faculdade de Comunicação - Departamento de Audiovisual e Publicidade, Brasília – DF, 2013. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6450/1/2013_MarinnaCamposGuaragnaKowalski.pdf.

LUND, N. F.; COHENB, S. A.; SCARLESB, C. The power of social media storytelling in destination branding. **Journal of Destination Marketing & Management**, v.8, 271–280, 2018. https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2017.05.003.

NASCIMENTO, K. M. S. L. S. do. **Tradução de itens culturais**: a representação do Nordeste brasileiro em Travels in Brazil de Henry Koster / Kadidja Márcia Sá Leitão Sarmento do Nascimento; orientadora, Alinne Balduino Pires Fernandes, coorientadora, Karine Simoni, 2020. https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219567/PGET0493-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y.

OSAKWE, J. Media and the government of populations review (media and the government of populations: communication, technology, power), **Journal of Contemporary European Studies**, 27:1, 124-125, 2019. DOI: 10.1080/14782804.2019.1543995.

PEREIRA, B. C. Motivos para migrar... Motivos para ficar: trajetórias de migrantes nordestinos em Orlândia-SP (1980-2010). **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, n. 27, março, 2021. https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/108387/61259.

RAMOS, L. de M. **Representações de comunicadores de mídia nordestinos sobre sotaque** / Luciana de Menezes Ramos. – Recife: O autor, 2015. 90p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana, 2015. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1408.

SÁBADA, T. **Framing**: El encuadre de las notícias – el binomio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SANTOS, R. F. **A influência dos estereótipos no julgamento da veracidade de enunciados**. Universidade Federal da Bahia - (Dissertação) - Programa de Pós-graduação em Psicologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador – BA, 2008. https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rogerio_santos.pdf.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2005.

TAYLOR, C. **Imaginários Sociais Modernos**. Tradução: Artur Morão. 1ª edição, fevereiro de 2010. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.

THEIS, I. M. Do desenvolvimento desigual e combinado ao desenvolvimento geográfico desigual. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 12, n. 2, fev, 2010. https://doi:http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v12i2.324

WENDEL, C. W. de. Migration and development. **Ethnic and Racial Studies**, VOL. 41, NO. 3, 431–439 2018. https://doi.org/10.1080/01419870.2018.1388420. Acessado em 27/06/2020.

YAZBEK, M. C. Pobreza e exclusão social: expressões da Questão Social no Brasil. **Temporalis**, Brasília, n. 3, 2001. https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/temporalis_n_3_questao_social-20180413124,5276705850.pdf.